

FILOLOGIA BANDEIRANTE

Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen*

Maria Suelli Aguiar*

Manoel Mourivaldo Santiago Almeida*

Waldemar Ferreira Netto*

Heitor Megale*

RESUMO: Este texto apresenta a constituição de um Grupo de Trabalho para coleta de material lingüístico acompanhado de estudos para identificação, análise e tabulação de traços da língua antiga preservados em localidades situadas nas trilhas das bandeiras paulistas de fins do século XVII e durante o século XVIII. Geograficamente a pesquisa cobre os territórios dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. O objetivo do trabalho é comprovar a preservação de camadas lingüísticas do Português Antigo ou do Português dos séculos XVI e XVII no Brasil e propiciar aos estudiosos da língua um *corpus* cientificamente preparado para seu estudo.

Palavras-chave: bandeiras, lingüística histórica, história da língua, filologia portuguesa, lingüística portuguesa.

1. APRESENTAÇÃO E BREVE HISTÓRICO

Filologia Bandeirante é nome do Grupo de Trabalho empenhado numa pesquisa de campo que se descreve como incursão programada nas trilhas das bandeiras de fins do século XVII e sua repercussão no século XVIII, com o objetivo específico de colher traços da língua portuguesa antiga ou dos séculos XVII e XVIII que tenham permanecido ou sofrido variação lingüística menor ao longo do tempo que nos separa do processo de colonização e povoamento dessas áreas do território nacional. Assim sendo, a pesquisa há de cobrir um largo espectro geográfico que começa no Estado de São Paulo, passa por Minas Gerais e atinge os Estados de Goiás e de Mato Grosso. Há anos que vem sendo cogitado e mentalizado

* Respectivamente professores da Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal de Goiás, Universidade Federal do Mato Grosso e Universidade de São Paulo (os dois últimos).

como conseqüência dos estudos de História da Língua Portuguesa no Brasil. Surge, pois, como uma ampliação do plano e das atividades dos cursos dessa disciplina, tanto na Graduação como na Pós-Graduação.

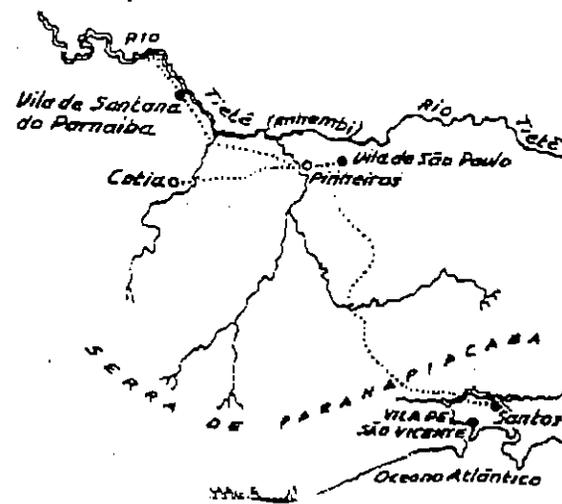
Sua implementação supõe contactos com outras bases para se conseguir cobrir a área das rotas dos bandeirantes. Há que se encurtar distâncias e dirimir dificuldades de locomoção e de muita outra natureza para os pesquisadores em tão larga área geográfica. Desde o primeiro contacto entre a Universidade de São Paulo e a Universidade Federal de Minas Gerais convencionou-se que deve ser utilizado como referencial o roteiro da grande bandeira de 1674. A essa rota acrescentam-se localidades surgidas em outras incursões dos bandeirantes paulistas. Os pesquisadores vão garimpar traços de língua antiga remanescentes na região, entre pessoas idosas, de preferência, analfabetas, residentes em povoados os mais afastados da mídia. Tendo estudado o assunto com interesse e competência, a Profa. Dra. Maria Antonieta Cohen volta com sua anuência à proposta nascente do Grupo de Trabalho e com a decisão de assumir a responsabilidade dentro da divisão oficial da jurisdição: de São Paulo a Minas, pelo caminho velho do Vale do Paraíba, com a Universidade de São Paulo, e da região de Passa-Quatro para frente, com a Universidade Federal de Minas Gerais.

O Grupo de Trabalho começa então a tomar corpo, quando chega a adesão do Prof. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, cujo projeto, de certa forma, é uma ampliação de experiência sua anterior num estudo a respeito do Cuiabanês, em curso de especialização. Seu objetivo era investigar os remanescentes, principalmente no nível lexical, do português dos séculos XVII e XVIII no português contemporâneo, entre falantes que habitam localidades afastadas dos centros urbanos no Estado do Mato Grosso, o que coincide, pelo menos em parte, com povoações fundadas nas trilhas dos bandeirantes. Apresenta-se portanto inteiramente aplicado aos objetivos do Grupo de Trabalho Filologia Bandeirante. Então no território mais distante dentro da área geográfica inicialmente prevista, o trabalho segue adiantado.

O próprio Prof. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida desenvolveu contactos com Goiânia, havendo grande interesse pela região de

Goiás, com vistas a fechar o périplo das bandeiras paulistas. A Profa. Dra. Lídia Boleck, chefe do Departamento de Letras da Universidade Federal de Goiás, apresentou a Profa. Dra. Maria Sueli Aguiar que coordena uma pesquisa intitulada "Linguagem e Cidadania". O fato de essa pesquisa estar voltada para as comunidades do entorno da Chapada dos Veadeiros, com o objetivo de levantar e trabalhar aspectos lingüísticos do período da mineração, constitui outra coincidência que aproxima as pesquisas da Universidade Federal de Goiânia do Grupo de Trabalho Filologia Bandeirante. Com a adesão de Goiás fechou-se então o périplo das rotas dos bandeirantes e fortaleceram-se o tronco e demais ramos do Grupo de Trabalho.

A divisão geográfica impõe-se, mas não obsta nenhum tipo de colaboração espontânea, mesmo na coleta de dados, entre pesquisadores de um Estado ou de outro, de uma e de outra Universidade. A parte que une mais os realizadores do trabalho há de ser a descrição dos dados, sua tabulação e etapas seguintes de confronto com documentação da língua antiga. Os pesquisadores de campo e os tabuladores dos dados constituem uma verdadeira equipe, uma Equipe para um Grupo de Trabalho, o que de fato está sendo criado.



BARREIROS, Eduardo Canabrava. (1979) *Roteiro das esmeraldas: A bandeira de Fernão Dias Pais*. Rio de Janeiro, Livraria J. Olympio Ed./MEC, p.18

2. JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

Há interesse crescente em identificar os traços da língua, ou melhor, a camada lingüística mais antiga conservada em áreas da România Nova. A justificativa mais forte para a realização deste trabalho é o fato de que, se a pesquisa nele prevista não for levada a cabo a curto prazo, corre-se o risco de se perder para sempre uma camada lingüística da colonização de povoamento de localidades nas áreas das trilhas das bandeiras, porque já não haverá mais testemunhas capazes de estabelecer o vínculo com o tempo histórico em questão. Somente os idosos têm vinculação com a linguagem que adquiriram, há sessenta, setenta ou mais anos, porque as gerações seguintes já adquiriram a linguagem em outras condições.

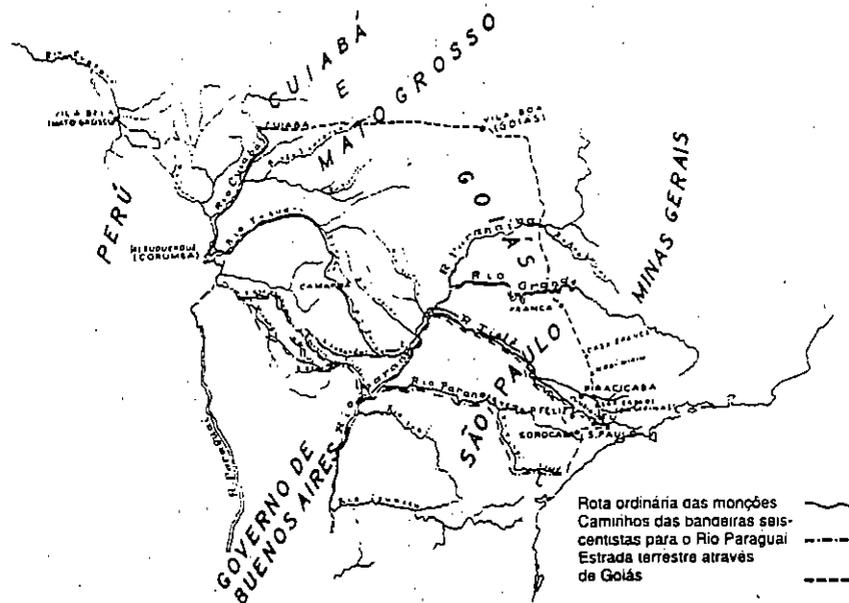
O trabalho caracteriza-se inicialmente como um estudo dialetológico, nos moldes de *Filologia Barranquenha*, de Leite de Vasconcelos, um trabalho do fim de sua vida, modelar para a época, mas que só foi impresso em 1955 e, felizmente, reimpresso em 1981. Mas há muito a se acrescentar a essa obra básica com as contribuições lingüísticas mais recentes como, por exemplo, as diversas tendências ligadas ao estudo da mudança e da variação lingüística. Assim, outros objetivos decorrentes do primeiro, como a revelação e descrição dos processos de variação e mudança lingüística, sobrepõem-se ao objetivo básico de busca e mapeamento de elementos arcaizantes da língua portuguesa na rota das bandeiras do século XVII e repercussão ao longo do século XVIII, nos modestos moldes da pequena Barrancos, área pesquisada por Leite de Vasconcelos, limítrofe com a Espanha.

A comparação entre duas modalidades ou dois estados de língua, efetivada através do confronto entre os dados coletados e a língua antiga, permitirá que casos de retenção lingüística sejam descobertos e tabulados, e também que, a partir desses mesmos dados, generalizações possam ser feitas, através de seu 'encaixamento' em concomitantes estruturais e extra-lingüísticos, segundo pressupostos metodológicos de uma lingüística histórica de base empírica (cf. Tarallo, 1991; Labov,

1972 e trabalhos subsequentes). Esses, se comparados à língua contemporânea não-arcaizante, poderão indicar processos de mudança lingüística. Nesse sentido, poderá ser alcançado o objetivo duplo da lingüística histórica, tal como colocado por Bynon (1977): "A lingüística histórica procura investigar a maneira pela qual as línguas mudam ou mantêm suas estruturas com o passar do tempo".

Ao tomar como informantes, nesta primeira etapa do trabalho, pessoas idosas, de mais de cinquenta ou sessenta anos, os dados, além de conterem resquícios de estágios lingüísticos pretéritos da língua portuguesa, segundo constatação de investigação assistemática já efetuada em algumas áreas da rota das bandeiras, fornecerão material para que, através da comparação desses mesmos conteúdos lingüísticos expressos por formas diferentes, sejam atingidas as mudanças no "tempo aparente", posteriormente testadas no 'tempo real', à maneira laboviana (cf. Tarallo, 1982). Os dados serão, portanto, projetados para o passado, no sentido de se confirmar a hipótese de arcaísmos, e também para o presente, a fim de se detectarem mudanças. Desta forma, a tabulação desses dados, mais do que realizar objetivo inicial de registrar formas que estão em vias de desaparecimento, conseguirá fornecer matéria para que se desenvolvam pesquisas na área da lingüística histórica.

Conforme o exposto ao longo desse trabalho, em termos metodológicos haverá uma imbricação entre a dialetologia tradicional e alguns procedimentos da sociolingüística variacionista. Tal convergência será certamente enriquecedora no sentido de permitir que se extraiam dos *corpora* reunidos o maior número de informações lingüísticas possível. No que concerne a possíveis mudanças lingüísticas, os pressupostos teórico-metodológicos serão os de uma lingüística histórica de base empírica.



HOLANDA, Sergio Buarque de (1990) *Moções*, 3ª. ed. São Paulo, Brasiliense, p. 145.

3. A PESQUISA DE CAMPO: MATERIAL E MÉTODO

Pessoas de uma faixa etária entre cinquenta e sessenta anos ou um pouco à frente, que não tenham tido escolaridade ou tenham tido apenas rudimentos, pelos anos de 1940 ou pouco antes, e que, de preferência, não tenham saído do lugar onde nasceram, certamente terão alguma contribuição para nos dar. Talvez não ocorra o mesmo com a geração seguinte a essa, porque, do final da década de 60 para cá, tornou-se mais fácil deixar a terra natal e procurar onde aparelhar-se melhor para a vida, e nessa busca, o linguajar nativo, lamentavelmente, perde-se quase por inteiro. No caso de ser válida tal perspectiva histórica, se não se fizer a coleta dos dados agora, logo não haverá muito a colher.

Entre os dados técnicos da realização da garimpagem, temos a considerar a ficha dos informantes, a condução dos inquéritos, a liberdade de que precisa desfrutar o informante, sem o que os dados não se expõem, o esquema de registro dos dados, a transcrição fonética e a apresentação dos resultados. A bibliografia fundamental do trabalho e de sua execução tem mais imediatez e já está em mãos dos pesquisadores, alguns dos quais se preparam, há algum tempo, para levar a cabo o trabalho. Certamente há tópicos que merecem uma exposição mais detalhada dentro desta proposta inicial; são eles: a ficha dos informantes, a condução dos inquéritos, o registro dos dados, a transcrição fonética e a análise e tabulação dos dados colhidos.

Tais procedimentos terão como norteadora a metodologia da coleta de dados de dialetologia, segundo Leite de Vasconcelos (1981).



BARREIROS, Eduardo Canabrava (1979) *Roteiro das esmeraldas: A bandeira de Fernão Dias Pais*. Rio de Janeiro, Livraria J. Olympio Ed./MEC, p. 102.

3.1 Investigações Preliminares

Em pesquisas de cunho dialetológico ou mesmo sociolinguístico procede-se via de regra ao que estamos aqui denominando investigações preliminares, em que se identifica o tópico da pesquisa. Trabalhos como, por exemplo, o de Labov nas lojas de departamento em Nova Iorque, nos anos sessenta, nos fornecem um exemplo deste tipo de procedimento preliminar. Ele fez setenta entrevistas exploratórias, antes de proceder propriamente à coleta formalizada dos dados. Com o auxílio destas, pôde selecionar as variáveis que iria estudar, ou seja, a realização do /r/ e sua dependência de fatores sociais (cf. Labov, 1972, cap.2). Apesar de os objetivos da presente pesquisa não serem exclusivamente sociolinguísticos, como deixa claro o Grupo de Trabalho, não é possível furtar-se o pesquisador a aspectos sociolinguísticos com que se veja envolvido como, por exemplo, o estabelecimento da faixa etária dos informantes e seu grau de escolaridade. A etapa de investigações exploratórias, em parte já cumprida no presente trabalho, nos fornece diretrizes sobre o que pesquisar, apesar de ser absolutamente imprescindível que o pesquisador esteja preparado para o imprevisto. Tal etapa funciona como uma espécie de sondagem prévia do terreno a ser garimpado.

Nesse sentido podem-se já identificar determinados fenômenos linguísticos que se caracterizam indubitavelmente como arcaísmos, em algumas das regiões objeto desta pesquisa. Em Minas Gerais, encontram-se formas que poderão fornecer subsídios históricos fidedignos para o estudo do atual pretense acentamento das vogais médias pretônicas e > i e o > u na fala mineira. Formas alternantes como Forquim / Furquim, que alternam /o/ e /u/; freguezia / friguizia, que alternam /e/ e /i/, podem testemunhar a antigüidade da existência das vogais altas /i/ e /u/ em posições pretônicas, em ambientes em que as mesmas têm sido consideradas de resultado de acentamento na fala mineira contemporânea. Esses dados, datados, localizados e identificados como arcaísmos, certamente contribuirão para um melhor entendimento do processo histórico que envolve o acentamento das pretônicas. Ainda em Minas Gerais,

identificou-se todo o paradigma do verbo 'possuir' nas formas 'pEsuir', 'pEsuido' etc., o que, segundo dicionários etimológicos, é um arcaísmo do século XIII.

Duas outras incursões, uma no sul do Estado de Minas, em região de mineração, e outra em São Paulo, não mais do que a 40 km da capital, revelam que ainda há traços de língua antiga, que, se não forem documentados agora, neste fim de século, correm o risco de perderem-se para sempre. Sirvam de exemplos, coletados num e noutra lugar, a fala de mendigo: "Dá ua esmolna polo amor de Deus", no primeiro, e o emprego corrente de quage, quige, fige, no segundo.

No Mato Grosso, conta o Prof. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, da Universidade Federal de Cuiabá, a seguinte experiência do Prof. Leônidas Querubim Avelino, relatada em seu Curso sobre a literatura dos viajantes, na Segunda Reunião Especial da SBPC, em abril do corrente ano, naquela Universidade: "Numa das minhas viagens pelo interior, mais especificamente num povoado isolado de nome Cabeceira do Santana, localizado no município de Livramento (a 30 km de Cuiabá), um roceiro cego, morador antigo, filho de moradores também antigos, disse-me: 'o senhor está andando pusilo'." O contexto, disse o Professor, não impediu que ele procurasse depois identificar a forma reduzida de pusilânime numa ocorrência inesperada. Será possível encontrar na língua antiga a ocorrência de pusilo agora documentada? O que se sabe é que pusilo não é usual no Português contemporâneo. Mas essa é a etapa final da pesquisa: o trabalho com os materiais mais raros, certamente muito preciosos. Antes dela, os inquéritos bem conduzidos devem gerar dados.

Em Minas Gerais, numa região em que algumas investigações exploratórias já foram efetuadas, identificou-se que o artigo definido não aparece diante de nomes próprios. Assim, em expressões como "dar sepultamento a Antônio" e outras similares, do século XVIII, observou-se a ausência do artigo definido, fato que é uso corrente na fala contemporânea da região de São José de Barra Longa. Não se verificou ainda a antigüidade desse fenômeno, mas já se pode esperar que algum fato relevante surja com relação aos artigos definidos, quando as gravações forem feitas.

Constata-se, portanto, nessas investigações preliminares e assistemáticas, que há o que ser pesquisado em termos de léxico, fonologia, morfologia e sintaxe. Assim, o pesquisador irá à pesquisa de campo com a mente aberta para coletar o que ocorrer, mas já sabendo de antemão que alguns filões não de ser encontrados.

3.2 A ficha dos informantes

Cada pesquisador tomará o máximo cuidado em levantar corretamente os dados dos idosos que lhe passarem informações preciosas. Para os objetivos do Grupo de Trabalho são fundamentais a filiação, a procedência da família, o tempo de radicação no lugar, a idade, a escolaridade, no caso de ter havido alguma, o tipo de escola, a distância que percorria até a escola, a vida familiar, a vida profissional, a família e o destino de seus membros. É claro que a ficha exige tanto mais da pessoa quanto mais preciosos tiverem sido os dados que passou. Poderá mesmo haver interesse em maior aproximação, com eventual documentação fotográfica e também reprográfica de documentos originais.

3.3 A condução dos inquéritos

Embora o tipo de inquérito a que o Grupo de Trabalho se dedica seja um pouco diferente do inquérito específico de Dialetoлогия, — a pesquisa dialetológica visa a colher dados diferenciadores de expressão da língua em áreas territoriais pré-estabelecidas —, ele tem muito a aprender com os trabalhos dialetológicos conhecidos dentro e fora da área territorial em que vai incursionar. A pesquisa do Grupo de Trabalho Filologia Bandeirante visa a colher exclusivamente traços da língua antiga numa área de colonização e povoamento historicamente datados e conhecidos. Enquanto o inquérito dialetológico exige um questionário igual em áreas diferentes, exatamente para encontrar nas respostas o

elemento distintivo de caráter dialetal, a coleta de traços da língua antiga não supõe necessariamente um mesmo questionário, nem sequer pode partir sempre de um questionário pronto, pelo menos de início, mesmo porque os traços de língua antiga podem não propiciar elementos distintivos de caráter dialetal, além do que tais traços podem oferecer surpresas ao pesquisador. Mas, acatando a sábia sugestão de Vanderci de Andrade Aguilera, dialetologista com trabalhos largamente reconhecidos no Estado do Paraná, o Grupo de Trabalho há de valer-se também de questionários previamente elaborados.

Deve-se ir a campo com a mente desprevenida, isenta e disposta a colher o que aparecer. Há momentos privilegiados para a coleta, como festas religiosas, quermesses, dias de procissão, casamentos, batizados, velórios, enterros, atividades específicas da vida local, plantio, colheita, exercício de profissão típica do lugar e outras que acabam se oferecendo. O que se exige do pesquisador é o conhecimento prévio da língua antiga. Não significa que ele deva identificar imediatamente uma expressão colhida com sua ocorrência no teatro vicentino, por exemplo, ou em algum texto de Gil Vicente ou anterior a ele. Isto pode até acontecer, mas não se exige a imediatez do reconhecimento e da identificação. O pesquisador é alguém habilitado a perceber um traço de língua antiga que deverá ser colhido para posterior tabulação. Há, sem dúvida, um universo de expectativa, mas de resultado não totalmente previsível. A margem de surpresa pode ser maior do que se cogita. Por exemplo, há uma expectativa de relação com esses traços da língua antiga com ocorrências em textos literários, apoiada em obras da Literatura Brasileira, de autores como Valdomiro Silveira, Monteiro Lobato, Cornélio Pires e João Guimarães Rosa, entre outros. O que não se sabe é se tal expectativa há de se confirmar ou se poderá sofrer desvios ou oferecer surpresas.

3.4 O registro dos dados

Os pesquisadores devem ir em grupo para que haja uma colaboração mútua na pesquisa. Se houve uso de gravador, duas pessoas ou

vem melhor a fita do que uma só, se não, o controle do registro precisa ainda mais do colega que esteve presente no momento da coleta dos dados. A divisão jurisdicional, digamos, tem o efeito benéfico de os registros se fazerem com pesquisadores dos diversos Estados, levando-se em conta que fica mais fácil ouvir bem e perceber detalhes de pronúncia que um ouvido de outra região poderia não captar facilmente. Matogrossense ouve melhor a fala de Mato Grosso do que um paulista, mas, principalmente, está em condições mais favoráveis de manter um diálogo em situação de velório, casamento, batizado, enterro, festa do Divino, Reizado, Congada ou atividades características do lugar, acontecendo o mesmo com goiano para Goiás, mineiro para Minas e paulista para São Paulo. Por outro lado, o fator contraste torna mais atento o ouvido estranho, por isso mesmo mais apto a valorizar o que não está acostumado a ouvir. Na medida do possível, será bom associar pesquisadores de Estados diferentes.

3.5 A transcrição fonética

Se para o registro dos dados valem aqueles critérios de vinculação do pesquisador à área de pesquisa e às pessoas pesquisadas, para a transcrição fonética tornam-se mais fortes ainda esses mesmos argumentos. Na equipe de cada estado há um foneticista, senão o mais especializado, um bom conhecedor do assunto para que a transcrição não deixe margem a dúvidas, como por exemplo: chuva, gente, que certamente encontrarão no Mato Grosso, o registro da pronúncia dos alofones africados: *dʃuva*, *dʒente*. Fica claro que o corpus não precisará passar todo ele por uma transcrição fonética, mas os aspectos dialetais que aparecerem necessariamente exigem notação rigorosa, sempre que denotarem pronúncia arcaica. Será muito interessante poder conferir determinadas transcrições fonéticas com eventual pesquisa dialetológica nas diversas regiões. Será a oportunidade de intercâmbio de dados pesquisados entre equipes diferentes com objetivos próprios.

3.6 Análise e tabulação dos dados colhidos.

Como ficou claro, esta pesquisa não parte de um questionário previamente estabelecido, senão da disposição de colher registro de traços da língua antiga que o pesquisador encontrar. Então, haverá perguntas e respostas, é claro, principalmente no primeiro contacto com o informante, mas haverá eventualmente uma estória que a pessoa conte, poderá ocorrer uma recitação de algo aprendido há muito tempo, é possível que se consiga diálogo entre informantes, enfim pode vir a ser colhido material autêntico de reizado, congada, festa do Divino ou de alguma atividade muito característica do lugar. Tabular esses dados será primeiramente ordená-los geograficamente. Dentro deste critério geográfico, distribuí-los de acordo com suas modalidades: diálogos, histórias, récitas, rituais, atividades profissionais e outras. Se alguma modalidade, que seja uma récita ou um ritual, apresentar-se com variantes em diversas localidades, a tabulação deve fazer remissão mútua, para que ao interessado em ver o corpus não escape a referência. Ao final do corpus de cada região, estarão as informações fonéticas, com as transcrições que se fizerem necessárias. Assim organizado o corpus, a equipe procederá à elaboração de um glossário. As expressões podem vir dentro do glossário ou podem constituir levantamento à parte. Por fim, a equipe estabelecerá as indicações de vinculação desse corpus com a língua antiga.

4. EQUIPE DO GRUPO DE TRABALHO FILOLOGIA BANDEIRANTE

A equipe do Grupo de Trabalho Filologia Bandeirante constitui-se de professores, de pós-graduandos e de alunos de graduação em cada uma das Universidades integradas na pesquisa. Para efeito de organização, mantém-se em São Paulo a Coordenação geral com Heitor Megale, Geraldo Cintra e Waldemar Ferreira Netto, contando com Sílvio Almeida de Toledo Neto (Mestrando), Clóvis Luiz Alonso Júnior (Graduando), Maria Elisa C. R. Bittencourt (Graduando); a Coordenação de Minas Gerais com Maria Antonieta Cohen, conta com Cândida Maria Trindade

Costa de Seabra (Mestra), César Nardelli Cambraia (Doutorando), Heloísa Maria Moraes Moreira Penna (Mestra), Soelis Teixeira do Prado (Graduanda); a Coordenação de Goiás com Maria Sueli Aguiar, contando com Elisia Paixão de Campos, Marita Porto Cavalcanti, Mônica Veloso Borges, Oto Araújo Vale; a Coordenação de Mato Grosso com Leônidas Querubim Avelino, contando com Manoel Mourivaldo Santiago Almeida (Doutorando), Maria Cristina Vilela (Graduanda), Sérgio Henrique de Souza Almeida (Graduando).

5. PLANO DE TRABALHO E CRONOGRAMA DE SUA EXECUÇÃO

As etapas previstas para a realização do projeto são rigorosamente as que seguem: 1. Mapeamento e seleção de localidades; 2. Primeira parte da pesquisa de campo; 3. Avaliação de estratégias; 4. Análise e tabulação de dados; 5. Previsão de novas etapas de pesquisa; 6. Segunda parte da pesquisa de campo; 7. Análise e tabulação de dados; 8. Previsão de novas etapas de pesquisa; 9. Terceira parte da pesquisa de campo; 10. Análise e tabulação de dados; 11. Previsão de novas etapas de pesquisa; 12. Quarta etapa da pesquisa de campo; 13. Análise e tabulação de dados; 14. Previsão de novas etapas do trabalho; 15. Relatórios semestrais; 16. Apresentação de resultados parciais em eventos; 17. Organização da matéria com vistas à publicação.

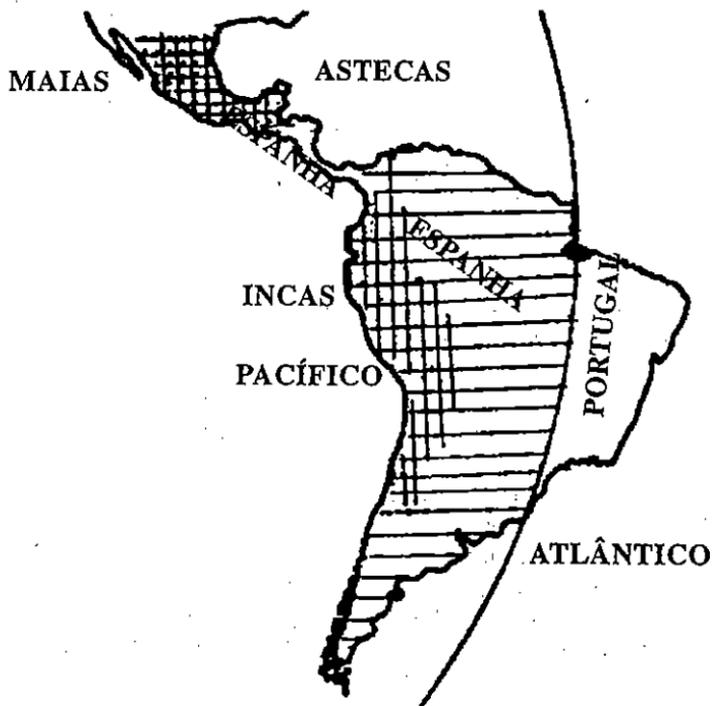
BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

- BARREIROS, Eduardo Canabrava (1979) *Roteiro das esmeraldas: A bandeira de Fernão Dias Paes Leme*. Rio de Janeiro, Brasília, Livr. José Olympio Editora, INL - MEC.
- BYNON, Theodora (1977) *Historical linguistics*. 1a. ed., London, CUP.
- CORRÊA FILHO, V (1926) *As raias de Matto Grosso*. São Paulo, O Estado de São Paulo, 4 vols.
- DRUMMOND, Maria Francelina Ibrahim (1978) *Do falar cuiabano, Cadernos Cuiabanos*, 5.
- HOLANDA, Sérgio Buarque (1994) *Caminhos e fronteiras*. São Paulo, Companhia das Letras.
- _____ (1990) *Monções*. 3a. ed., São Paulo, Brasiliense.
- _____ (1995) *Rafzes do Brasil*. 26a. ed., São Paulo, Companhia das Letras.

- LABOV, William (1972) *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- _____ (1982) Building on empirical foundations. In LEHMANN & MALKIEL (eds.) *Perspectives on historical linguistics*, Amsterdam, Philadelphia, JB Publishing Company.
- _____ (1994) *Principles of linguistic change. Internal factors*. Oxford, Cambridge, Blackwell.
- LEME, Pedro Taques de Almeida Paes (1954) *Notícias das Minas de São Paulo e dos sertões da mesma capitania*. São Paulo, Livr. Martins Editora.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1991) *O Português arcaico - Fonologia*. São Paulo, Contexto.
- MIRANDA, João Evangelista Corrêa de (1917) *Guia do tabelião*. Belém, Typ. da Livraria Gillet.
- PAUL, Hermann (1983) *Princípios fundamentais da história da língua*. 2a. ed., Lisboa, Calouste Gulbenkian.
- PENHA, João (1970) *A arcaicidade do português popular do Brasil*. Tese mimeografada. Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Franca, Unesp.
- RICARDO, Cassiano (1970) *Marcha para o oeste (A influência da "Bandeira" na formação social e política do Brasil)*. Rio de Janeiro, São Paulo, Livr. José Olympio Editora, Edusp.
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira (1990) *O processo histórico de Mato Grosso*. Cuiabá, Guaicurus.
- TARALLO, Fernando Luiz (1983) *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. Tese de doutorado, University of Pennsylvania.
- _____ (1991) Reflexões sobre o conceito de mudança linguística. *Organon*, 18, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- _____ (1990) *A pesquisa sociolinguística*. 3. ed., São Paulo, Ática.
- TAUNAY, Affonso de Escagnole (1950) *História geral das bandeiras paulistas*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, Edição do Museu Paulista, 11 vols.
- THOMPSON, Paul (1992) *A voz do passado. História oral*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- VASCONCELOS, José Leite de (1981) *Filologia barranquenha: apontamentos para seu estudo*. Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda.
- WETTZEL, Antônio Henrique (1995) *Folclore literário e linguístico*. Juiz de Fora, EdUFJF.

ABSTRACT: This article reports the creation of a new group of study, the task of which is to collect linguistic data for the identification, analysis and classification of archaic traces of the Portuguese language as preserved along the tracks of the expeditions (*bandeiras*) through the São Paulo hinterland in the late 17th and throughout the 18th century. Geographically, this research project covers the territory of the following Brazilian states: São Paulo, Minas Gerais, Goiás and Mato Grosso. The aim of this project is to provide evidence of the preservation, in the Brazilian territory, of linguistic strata of Old Portuguese, or else, of 17th century Portuguese, and to supply researchers of the Portuguese language with a linguistic corpus prepared according to scientific criteria.

Keywords: *bandeiras*, historical linguistics, language history, Portuguese philology, Portuguese philology and linguistics.



BARREIROS, Eduardo Canabrava (1979) *Roteiro das esmeraldas: A bandeira de Fernão Dias Pais*. Rio de Janeiro, Livraria J. Olympio Ed./MEC, p. 3.